

# Stadium

N.º 111 \* 17 DE JANEIRO DE 1945 \* PREÇO 1\$50



## F. C. PORTO-OLHANENSE

Abraão, o popular guarda-redes algarvio, vai segurar uma bola alta, apesar de carregado por Catolino

## O GRANDE CAMPEONATO

## Resultados que não estavam previstos

Sensacional desfecho no Pôrto — Desta vez ganhou o Sporting... — A expectativa da próxima jornada

A pendtina jornada da primeira volta do campeonato nacional, que parecia destinada a fornecer jogos equilibrados em quasi todos os campos, esperando-se apenas superioridade clara do Benfica contra o Salgueiros, veio a dar afinal resultados que não estavam certamente na lista das previsões.

Os cinco jogos disputados tiveram o seguinte desfecho:

Sporting.....	3 — Estoril.....	2
Benfica.....	11 — Salgueiros.....	3
F. C. do Pôrto..	5 — Olhanense.....	1
Académica.....	0 — Belenenses.....	3
Vitória (Setúbal)	4 — Vitória (Gaim.)..	2

O resultado do Benfica, copioso em extremo e pouco vulgar na prova, não obstante a inferioridade que o segundo portuense tem revelado, contribuiu para que o total de goals marcados nos cinco jogos do passado domingo estabelecesse o máximo até agora obtido no campeonato em curso.

Nada menos de 34 goals em cinco campos representa média que vai além do normal nos nossos jogos.

As vitórias do F. C. do Pôrto e do Belenenses foram muito além do que se esperava e isso também contribuiu para o efeito.

O balanço geral da classificação coloca o Benfica à cabeça, com um avanço de 3 pontos sobre os seus mais directos competidores (F. C. do Pôrto e Sporting).

Qualquer que seja o desfecho da perigosa viagem que o leader da classificação vai fazer no próximo domingo a Guimarães, em cujo campo já tem conhecido sérias dificuldades e registado até pesado fracasso, o Benfica terminará a primeira volta à cabeça do rol.

Depende dos resultados que se verificarem, muito de interesse para a segunda volta.

O Sporting, com a sua quinta vitória consecutiva e com um jogo fácil à vista para o próximo domingo, pode muito bem ficar só a um ponto do 1.º classificado, o que faria reviver mais intensamente o eterno duelo «Benfica-Sporting».

O Belenenses está também recuperando terreno e pode alimentar legítimas aspirações de melhorias.

O F. C. do Pôrto, que nos tem habituado a surpresas variadas todos os domingos, alternando os bons com os maus jogos, tem uma tarefa difícil na sua frente, na próxima jornada.

Tanto pode continuar no segundo posto, como ser relegado imediatamente para quinto. Tado depende do seu comportamento em Setúbal, contra o Vitória, em cujo campo não costuma, aliás, ser muito feliz.

O desfecho da ditima jornada da primeira volta é, portanto, de molde a suscitar grande expectativa.

**O Sporting conseguiu finalmente quebrar o enguiço, pondo termo à serie de empates que vinha registando contra o Estoril**

Tanto em jogos oficiais como em jogos particulares, Sporting e Estoril Praia tinham sempre empatado. Mesmo em momentos de superioridade clara do Sporting, em que tudo fazia esperar uma vitória fácil, o Estoril tinha conseguido arrancar o habitual empate.

Desta vez quebrou-se o encanto, mas a vitória dos leões foi ainda alcançada pela mínima diferença e com bastante dificuldade. Chegou-se ao tradicional 2-2, e em seguida ao Sporting ter alcançado o ponto da vitória qualquer dos extremos do Estoril Praia teve nos pés a oportunidade que permitiria restabelecer o empate.

O resultado aceita-se bem porque o Spor-

ting foi talvez mais efectivo no capítulo de remate, atacando a baliza contrária com mais perigo e mais sentido prático—mas o empate ou mesmo até a vitória do grupo visitante não causaria por certo surpresa aos espectadores que presenciaram a partida.

Depois do seu 3.º goal, o Sporting ganhou ascendente e dominao a situação, mas Valongo, muito seguro na baliza, sempre no bom sítio, e Eloi com colocação sempre certa, evitaram que o resultado se desnivelasse. Se no período que se seguiu o Estoril tem aproveitado as oportunidades surgidas é possível até que surgisse qualquer reviravolta perigosa para o Sporting.

A defesa do Estoril, que é das que melhor sabe colocar-se no terreno, dominou com frequência o ataque do Sporting, onde apenas Peyroteo soabe latar com autoridade, furtando-se várias vezes à vigilância cerrada dos adversários com desmarcações oportuníssimas.

Convém pôr em relevo o bom trabalho



de Piza, o interior direito do Estoril. O jogador argentino, vindo de Itália, demonstrou bom domínio de bola e soabe ordenar inteligentemente os movimentos da linha de ataque, onde a presença de Petrack teria talvez sido muito útil.

O estado do terreno, bastante enlameado, criou por vezes embaraços em frente da baliza.

**O Olhanense, cuja apresentação no Pôrto era aguardada com interesse, e usou grande decepção e sofreu pesada derrota**

Os portuenses continuam a alternar as suas boas e más exibições. Esperávamos, no entanto, esta reacção brilhante contra o Olhanense.

A surpresa do resultado feito contra os

estudantes de Coimbra deve ter sido frato do excesso de confiança depois da vitória alcançada sobre o Benfica. A surpresa não podia repetir-se, tanto mais que a equipa se apresentava recomposta e já com quasi todas as suas baixas completadas. Reapareceram Guilha e Anjos na defesa, o que consolidava eficazmente a protecção da sua baliza contra a perigosa linha de ataque dos algarvios.

E na linha da frente, o regresso de Artur de Sousa, já restabelecido, e a reparação de Gomes da Costa, após demorada ausência, permitiram logo pensar em exibições de valor.

Assim sucedea de facto. Os dois interiores do F. C. do Pôrto, com o seu nome ligado a tantas tardes de glória do clube nortenho, tiveram influencia decisiva no desenrolar da partida.

E mais uma vez ficou provado que no xadrez da equipa, as pedras que se chamam interiores têm um papel primordial.

Artur de Sousa e Gomes da Costa souberam ordenar conscientemente o péso de ataque, disciplinando-o e dando-lhe a necessária efficacia.

Servido em condições, o avançado-centro Correia Dias deu outro rendimento, marcando três goals só à sua parte.

O Olhanense causou decepção no público do Pôrto, que aguardava com justificado interesse a exhibição dos jogadores algarvios, em virtude da sua excelente carreira no começo da prova e das elogiosas referências com que a critica sublinhara as suas exibições.

Afinal o Olhanense não pôde corresponder à fama de que vinha precedido e registou até uma pesada derrota, que deve ter abalado profundamente o moral da equipa e dado profundo desgosto aos muitos milhares de entusiastas algarvios que aguardavam, por certo, outro comportamento por parte do representante da sua provincia.

O Olhanense exhibiu-se muito abaixo das suas possibilidades, parecendo acasar os efeitos do rigor do clima do norte, a que não está habituado.

Os algarvios pareciam entorpecidos pelo frio e nunca jogaram dentro daquela toada de rapidez e vivacidade que dá alegria e vibração ao seu trabalho.

Na linha da frente, a falta de Moreira, que tem sido o avançado em que a critica mais tem fixado as suas atenções, pode constituir atenuante, visto que o seu substituto desperdiçou várias oportunidades, mas não absolve os restantes elementos, que estiveram realmente longe de corresponder ao que deles se esperava.

O F. C. do Pôrto teve de novo uma vitória grande, reagindo prontamente e não se deixando sussobrar perante a adversidade de uma surpresa, como foi a derrota perante a Académica, nama altura em que o team parecia lançado no caminho dos maiores cometimentos.

O F. C. do Pôrto persiste em querer afirmar que não disse ainda a sua ditima palavra na prova que está correndo.

**Houve desnível excessivo no jogo do Campo Grande**

O expressivo resultado de 11-3 com que terminou o encontro Benfica-Salgueiros, o mais copioso que se tem registado na primeira volta da prova, revela claramente a diferença de valores em luta e deixa ante-ver a pouca cautela e despreocação com que o Benfica deve ter encarado a luta.

Realmente, não se compreende muito bem como é que um grupo que marca 11 goals consente 3 na sua baliza. Só com manifesta falta de atenção.

O Salgueiros, já de si fraco, apresentou-se ainda por cima desfalçado.

(Conclui na página 10)



# NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 21—Não houve, talvez há três anos, um encontro de futebol entre as Seleções do Porto e de Lisboa, disputado no Porto, em que os lisboetas venceram, ou por 6-1, ou por 6-3, sendo as bolas dos lisboetas todas apontadas pelo magnífico avançado-centro nacional Peyroto?

Qual é o melhor guarda-rédes nacional?

Não houve há quatro épocas um avançado do Sporting chamado Mulder, de nacionalidade estrangeira. Onde estará actualmente? (José Abreu, de Vieira de Leiria).

A Seleção de Lisboa venceu a do Porto, no 37.º encontro Porto-Lisboa, e na capital do Norte, por 6-3, a 15 de dezembro de 1940, sendo os goals lisboetas todos marcados pelo avançado-centro Peyroto — três em cada parte.

Azevedo.  
Cecil Jorge Mulder, belga, jogou a interior-esquerdo no Sporting, na época de 1940-41. Em 1941-42 inscreveu-se, mas não chegou a jogar. Actualmente vive no Congo Belga, em Africa.

P. 22—O actor de cinema Jacinto Quinceos, que entra no filme espanhol «O caminho do Amor», foi jogador de futebol. Em que grupo e em que lugar? (Hernani Gouveia, de Pinhal Novo).

Quinceos foi um dos maiores defesas de Espanha (que o digam os avançados portugueses). Fez-se num clube chamado Desportivo Alanés, passando depois para o Madrid. A parêntese Ciriaco-Quin oes ainda hoje é recordada em toda a Espanha.

P. 23—A seguir a Azevedo, quais os três melhores guarda-rédes nacionais? A obra «História dos Desportos em Portugal» foi concluída? Não o tendo sido, ainda o será? (Norberto Branco, de Lisboa).

Depois de Azevedo, é difícil estabelecer a classificação que nos pede. Abraão, Rosa, Valongo, Vasco e Barrigana (poderíamos alongar a lista) são razoáveis. É preciso não esquecer Martins que, em forma, está ainda à frente do lote apresentado.

A publicação da «História dos Desportos em Portugal» vai agora continuar, com regularidade, segundo nos informam os seus autores.

P. 24—Se os campeonatos fossem ganhos pelo clube que tem o jogo mais bonito e joga mais futebol, qual seria o team português que conseguiria a vitória neste

## Conversa despreocupada sobre o "crítico ou técnico"

QUANTAS vezes temos ouvido falar mal dos críticos ou técnicos, pois os dois aspectos andam muito ligados no jornalista da especialidade. Referir coisas desagradáveis a seu respeito. Em geral, quem assim fala é o adepto ferrenho do clube, aquele que vê tudo à sua volta pela sua cor, ou vermelho, ou azul, ou verde... De quando em vez, até as pessoas relativamente desapaixonadas se deixam também contagiar pelo andaço, criticando sem razão ou elegância a opinião de um crítico, quantas vezes emitida, objectivamente, sobre um facto real e positivo.

Nada mais injusto do que esta cólera contra o jornalista da bola. A sua influência no jogo e seu desenvolvimento tem sido enorme, e dos mais fecundos resultados. Em todos os sectores, na regulamentação, na técnica e táctica, na interpretação das Regras, na enunciação dos princípios desportivos, o crítico ou técnico tem feito quasi tudo quanto está elaborado. Assim o reconhecem os próprios dirigentes, nalgumas oportunidades, em momento liberto da paixão do jogo, pedindo o seu auxilio, indo buscá-los para palestras de propaganda, enfim, requerendo o seu concurso de mil e uma maneiras. Mesmo todas as discussões, principalmente as de fundo, entre jornalistas da especialidade, servem ainda o futebol, iluminando os seus aspectos mais importantes, esclarecendo, orientando. Sendo assim, e ninguém se atreverá a dizer o contrário, que lastima que algumas pessoas insistam em ver apenas um ou outro erro do crítico, esquecendo toda a sua larga contribuição a favor do Jogo!

O jornalista da especialidade tem de travar luta verdadeiramente heróica para arrancar uma noticia, ou uma novidade, movido somente pelo desejo de servir o publico, servindo a causa desportiva.

De sorte que, acontece-lhe algumas vezes dar informação errada, porque, tendo batido à porta de quem podia informar

torneio? (Francisco Caldeira, de Campo Maior).

Jogo mais bonito é uma coisa, e jogar mais futebol é outra. Não confundir. A pergunta é demasiadamente fantasista. Sempre diremos, no entanto, que, como espectáculo, o team belenense, quando em inspiração, produz futebol de grande beleza,

com segurança, esta se lhe fechou. E são, por vezes, aqueles que recusaram a noticia os mais indignados com o erro.

Um exemplo pratico. Jornalista que queira saber, aos sábados, como alinham os grupos nos domingos, é submetido a autentica tortura. Em toda a parte do mundo se publicam as linhas com antecedência, colaborando os dirigentes com os jornalistas neste como noutros sentidos. Pois em Portugal não há colaboração possível.

Temos de nos servir de amizades para darmos a conhecer as composições dos teams, acontecendo algumas vezes que nos dizem uma linha e apresentam no dia seguinte um conjunto bem diferente.

Só entre nós...

No entanto, podemos dizê-lo desassombadamente, nenhuma critica de actividade que neste espectáculo se exerce em Portugal com mais imparcialidade e nobreza. A de cinema e do teatro, por exemplo, anda muito ligada ao aspecto da publicidade e a variadas conveniências. A do desporto, não. O jornalista da especialidade exerce a sua missão completamente livre de peias ou de influencias, a não ser as que são ditadas pela sua consciencia. Poderá ser que noutros países não aconteça o mesmo. Talvez. Mais uma razão, porém, para todos os elementos da Bola, desde o dirigente ao aficionado, terem um pouco de respeito pelo crítico ou técnico.

## Uma opinião sobre o futebol em Espanha

O presidente da Federação Catalã de Futebol, sr. Mendoza, deu publicamente a seguinte opinião sobre o estado actual do futebol de Espanha.

Nem tão mal como muitos imaginam, nem tão bem como alguns optimistas julgam. A verdade é que se joga futebol em maior quantidade, com mais competições e maior duração, e esta realidade traduz-se, como é lógico, num desgaste mais rápido dos jogadores, os quais, pelo seu lado, adaptam com frequência duas atitudes: ou não se cuidam, esquecendo as obrigações e conveniências do profissionalismo, ou pensam demasiadamente na sua pessoa, em beneficio do seu próprio interesse, e com prejuizo do seu possivel rendimento em beneficio do seu clube e do futebol.

Acêrca do problema das lesões,

Idéias próprias e alheias

A arbitragem dos 3 árbitros continua a produzir péssimos produtos. Já habituados à orientação, os árbitros de maior categoria deixam-se contagiar pelo mal, que, neste caso, é a subordinação das suas decisões à do juiz de linha.

O Belenenses-Sporting forneceu um magnifico exemplo. Canuto validou um goal, sem vacilações. Quere dizer: no seu espirito não havia a mais leve duvida sobre a legalidade da bola. Tratava-se de um goal limpo e puro. Sob protestos, o árbitro consultou o juiz de linha, e dessa consulta resultou a invalidação da bola. Portanto, Carlos Canuto, tratando-se da coisa mais importante do jogo — um goal — decidiu, não tendo visto, como se tivesse visto. É claro que isto não seria possível se o juiz de linha, na sua função auxiliar, se metesse dentro da tarefa, e não ostensivamente querendo julgar e decidir. Mas isto só é possível por ter sido implantada em Portugal a arbitragem dos 3 árbitros que, se não nos enganamos, está a fazer as suas despedidas.

Os dirigentes da Federação Castelhana de Futebol, que se têm afirmado pelos seus propósitos construtivos, acabam de ter mais um acto interessantissimo: a entrega, no dia de Reis, de cento e vinte e quatro bolas de caoutchouc aos clubes regionais de primeira, segunda e terceira categorias. Esta orientação de auxiliar os clubes modestos podia ser importada pela nossa Federação e suas Associações.

um tema palpitante em toda a parte, exprimiu-se desta maneira.

A respeito do problema das lesões graves dos jogadores devo afirmar que o número destas é grande, à primeira vista, mas infima no fundo. Na Catalunha por exemplo, disputaram-se na passada temporada cerca de 5.000 desafos controlados pelo organismo federalivo. Em relação a esse número impressionante de encontros, a percentagem de lesões de carácter grave não pode ser, por fortuna, mais reduzida.

Joga-se duro. Mais, quanto menos facilidades se possui, e sobretudo em partidas de compromisso, em que a obsessão dominante são os pontos da classificação. Apesar disso, repito: a proporção de jogadores magoados é pequena.

# SZABO COMO TREINADOR

Vinte anos em Portugal e os serviços prestados — A defesa dos seus pontos de vista — Respondendo a acusações

**A**NDÁ na berra a questão dos treinadores de futebol. Os estrangeiros são alvo de críticas agudas e severas, em determinado sector do jornalismo da especialidade. As duas principais acusações respeitam à não criação de jogadores, não fazerem escola, e à introdução de, segundo essa corrente, perniciosos sistemas de marcação.

O assunto foi já viciado e largamente debatido, tendo dito de sua justiça os representantes mais categorizados das duas correntes.

Os que combatam o jogo de posição acabaram por se declarar seus partidários, mas com certas restrições. Todavia, os treinadores, principalmente os estrangeiros, estiveram em foco. Mesmo por serem citados e chamados à questão. Não foram ouvidos. Nenhum deles depôs no tribunal público. E um encontro casual, outro dia, com Josef Szabo, porventura o mais directamente atingido, fez-nos ocorrer a idéia de o ouvir. Seria por certo um depoimento de alto mérito, — pensá-mos — que poderia abrir uma série destinada aos treinadores em geral. Szabo ficou encantado com o que lhe propuzemos. Mais, ainda. Disse-nos que era seu pensamento, sentindo-se injustamente atingido, desabafar. Stadium recebe, portanto, fiel à promessa dada, o depoimento do treinador Szabo, — um dos homens que mais tem trabalhado no futebol português, que, quer queiram quer não, tem apresentado provas práticas de competência, — publicando esse depoimento na íntegra.

**Primeiras palavras.** — Lamento que me tenham escolhido como alvo de uma campanha para a qual nada contribuí, nem fui visto nem achado. Parece-me infeliz a escolha do meu nome para o efeito, porque sou o treinador estrangeiro que há mais tempo trabalha em Portugal e os factos produzidos pela minha actividade profissional são mais eloquentes do que as palavras. Completo em 25 de Outubro próximo vinte anos de permanência neste belo país! Não sou refugiado. Chamaram-me da Hungria para a Ilha da Madeira. Penso ter autoridade para falar do jogo em Portugal.

**Recordando** — Vim a Portugal com o team húngaro Szombathely, em 1924. Jogámos em Palhavã com vários grupos lisboetas. O sr. Teixeira Gomes, então Presidente da República, assistiu a todos os encontros. Num deles, a meio da 2.ª parte, o sr. Teixeira Gomes levantou-se, abandonou o campo — e teve de entrar em acção a Guarda Nacional Republicana.

**Jogo à portuguesa.** — Foi aquêle o meu primeiro contacto com o «jogo à portuguesa». Outros se seguiram. Talvez se lembrem ainda. Em 1928, a quando da primeira visita do Ferencváros, este clube perdeu por 1-0, tendo-se dado muitas cenas de desordem. De outra vez, algures em Portugal, também, fomos acompanhados pela Guarda Nacional Republicana durante cerca de cinco quilómetros fora da cidade em que se disputou o encontro. Em cada janela da camioneta em que seguíamos ia um soldado com uma espingarda e o comandante da Guarda seguia à frente, de automóvel.

Numa final da taça de Portugal, o correcto jogador que era Norman Hall sofreu uma das maiores selvagerias que tenho visto. Assistindo a muitos jogos, e por ter jogado até aos quarenta anos de idade, posso dizer que os jogadores saíam do campo, algumas vezes, sangrando mais do que Nos. o Senhor na cruz! Felizmente, este jogo à portuguesa terminou. Estas autênticas barbaridades acabaram para sempre!

**Defeitos de organização** — Com 16 anos de idade joguei nas primeiras categorias no meu país e fui campeão da Província da Hungria.

Ensinando os novos



Cá, aos 18 anos começa-se a aprender a parar a bola e só se jogam três ou quatro desafios num ano, cada um com a duração de uma hora. Como progredir? O futebol, quando não se tenha o dom que nasce com a pessoa, não se pode aprender. Costumo classificar os jogadores em três categorias: a primeira, a que possui o tal dom da habilidade; a segunda, os que são capazes de aprender, dada a sua inteligência; a terceira, formada pelos... burros.

**Falar português** — Faz-se-me a acusação de eu não saber falar português. É certo. Apesar de toda a minha boa vontade, falo mal o idioma.



Szabo a sorrir

aínda que me exprima o suficiente para os outros aprenderem o meu pensamento. Não preciso mais do que aquilo que sei. Os clubes contrataram-me para ensinar futebol. Não para reger uma cadeira de português. Todos os clubes em que tenho trabalhado têm ficado satisfeitos com a tarefa. Todos campeões: Nacional, da Madeira; Marítimo da Madeira; Futebol Clube do Porto; Sporting Clube de Braga; Sporting Clube de Portugal... Os jogadores destes cinco clubes, sob a minha orientação técnica, ganharam 45 campeonatos, o que ninguém conseguiu ainda, nem treinador estrangeiro, nem português.

**Orientação de uma crítica** — O Sporting disputa, num ano, entre 45 a 48 jogos. Ganhando 40 a 45 encontros e perdendo em cada época entre 3 a 5 desafios. É evidente que o team não pode ganhar todos os jogos e todos os campeonatos. Isso é humanamente impossível! Pois certo cronista aguarda de cacete à esquerda a primeira derrota do Sporting para me desancar... Em caso de derrota é o treinador o culpado. Quando há vitória são os jogadores que venceram, nenhum quinhão tendo no triunfo o treinador. Injustiça tão grande!

**Novos jogadores** — Jogam actualmente no Sporting vários jogadores criados no grupo infantil: Manuel Marques, Octávio Barrosa, Veríssimo Alves, Ismael Borges, António Lourenço. Outros, por mim ensinados, jogam noutros clubes.



Aos 16 anos, campeão da Província da Hungria

E atiram-me com constantemente com a acusação de eu não fazer jogadores! Pois percorram as linhas dos outros clubes...

**Jogo de posição moderno** — Em 1935 estive na Inglaterra, encontrando ali o sr. Cândido de Oliveira. Vi o futebol inglês e apercebi-me da sua preparação. Treinei duas vezes diárias com os jogadores do Arsenal, assistindo à primeira partida de campeonato: Arsenal-Sunderland. Vi praticar um jogo diferente do antigo. Regressando a Portugal tanto no Porto como no Sporting continuei a aplicar o sistema até aí utilizado, algo diferente dos tempos presentes. Já em Lisboa, todos os clubes da 1.ª Divisão adoptavam o moderno jogo de posição, menos os *leões*. Dada a sua reconhecida eficiência resolvi adoptá-lo. Por sinal, num encontro Sporting-Porto. Deu resultado. Seguimos com ele. Após ter ganho o campeonato de Lisboa, e colocado o problema à direcção do clube, esta resolveu continuar com o método. Assim se fez.

Ora os que se mostram adversários tão fogosos do jogo de posição, e conferentes amenos de todas as semanas sobre os mais variados temas desportivos, porque não vêm aos clubes da 1.ª Divisão, com a sua voz eloquente e a sua imensa autoridade em matéria de futebol, fazer preleções de como entendem que se deve jogar em Portugal, dando-nos ensinamentos não só do seu estudo teórico como certamente da sua prática como jogadores? Serão recebidos de braços abertos!

**Marcação e desmarcação** — Desde que há futebol sempre existiu marcação e desmarcação, dois aspectos entroncados num só. Não somente joga o que tem a bola, como todos os outros, os que se preparam para a receber na melhor posição no terreno e os que visam a Intercepção da jogada. Ao contrário do que se afirma, o jogo moderno é mais artístico do que o antigo. Exige, no entanto, sangue frio, boa visão, talento para cada um se escapar da vigilância do adversário. Os avançados têm de entregar a bola para trás dos defesas contrários, só assim beneficiando da actual posição adelantada dos avançados. Todos os treinadores da 1.ª Divisão, sejam portugueses ou estrangeiros, têm de jogar assim, tirando benefícios da maneira de jogar, e aproveitando esses benefícios, isto é, tudo quanto os novos métodos, na sua natural evolução, trazem de bom e útil.

**Treinadores em Espanha** — Pretende-se fazer a comparação do que se passa em Portugal com o que acontece em Espanha. Refere-se o facto de, em Espanha, se terem dispensado os treinadores estrangeiros. Não é bem assim. O que a Espanha resolveu, depois da guerra, e numa medida de ordem geral, foi não aceitar mais treinadores estrangeiros. Estão lá a trabalhar um meu compatriota, Carlos Platho, no Granada, e o escocês O'Connell, em Sevilla. Deverá ainda ter-se em conta que o futebol espanhol, quando atingiu a sua mais bela e perfeita expressão, tinha ao seu serviço uma boa dúzia de treinadores estrangeiros, entre os quais alguns húngaros.

**Últimas palavras** — Depois de um trabalho intenso de vinte anos em Portugal, onde tenho ganho honradamente a minha vida, é certo, mas onde tenho gasto o meu esforço e o melhor da minha inteligência, nunca pensei que alguém me chamasse pouco mais do que aventureiro. Felizmente, tenho grandes amigos entre bons portugueses, e as mais gratas recordações do público, conservando intacta e firme a admiração por este país e a certeza de que alguma coisa tenho feito a favor do futebol português!

Durante 11 dias  
5 campistas  
fizeram o  
"CIRCUITO HIBERNAL  
da SERRA DA  
ESTRELA"



PORTUGAL tem a sua região privilegiada pelo encanto da neve: a Serra da Estrela. Aparte o valor turístico que o facto apresenta, os dois mil metros da nossa importante serra constituem — nesta altura do ano, em que o inverno agreste e frio nos envolve — em atractivo que desperta não só curiosidade como desejo de viver o ambiente da serra toda atapetada de branco.

Há neve na Serra da Estrela! A notícia corre depressa por todo o país e o quadro de esplendorosa beleza reconstitui-se em todos nós. É a montanha imensa, nascendo dos arborizados vales e elevando-se em direcção ao espaço, inundada de sol e coberta de branco.

Quando a neve envolve a montanha e lhe reveste os adornos rochosos, lhe gela os lagos e em beleza o arvoredo, todos os que reconhecem o valor da pureza do ar da montanha, praticam o desporto ou podem satisfazer o prazer de apreciar um dos mais lindos aspectos da terra portuguesa, pensam na possibilidade de uma viagem à Serra da Estrela. O ar, livre e puro, benéfico em extremo para o organismo; as caminhadas em «skis», exercício magnífico para os músculos; e os desportos da neve — tentam a uma excursão, quer para apreciar o pitoresco das aldeias que rodeiam a serra, como para afectar o circuito da montanha.

Foi com o fim de apreciar a grandiosidade da Serra da Estrela coberta de neve que um grupo de desportistas se aprontou, no passado dia 27, para abandonar Lisboa.

Cinco rapazes, de excelente ânimo desportivo e ligados pela sã camaradagem que éapanágio dos verdadeiros campistas, organizaram uma excursão à Serra da Estrela. Não se tratava de despreocupado passeio. O objectivo era de inesquecível importância, com valor desportivo e de bellissima propaganda do campismo.

Além disso tratava-se de demonstrar que, com a material usado pelos nossos campistas, embora adequado em parte, à excursão em que se servir, se podia ir à Serra da Estrela sem recio de qualquer contatempo e sem o rico material que se dizia ser indispensável para se acampar na serra, quando ela se cobre de neve. O grupo de campistas que levou a efeito esta excursão contribuiu assim para esplendida propaganda do campismo e pôde colher ensinamentos e indicações que servirão para os futuros excursionistas.

Durante 11 dias estes cinco campistas viveram em contacto com a neve, levando a efeito o «Circuito Hiberna da Serra da Estrela». E a sua excursão, além do valor desportivo de que se caracterizou, teve o condão de interessar o país inteiro, pois

por uma série de coincidências julgou-se que os audaciosos excursionistas se haviam perdido no decorrer da destemida prova, para a qual seguiram sem se fazerem acompanhar de um «guia». A carta da serra, uma bússola e o saber orientar-se pelas estrelas, em última necessidade, bastou-lhes para levarem a efeito os seus propósitos. E a prova efectuou-se, magnífica de desportivismo.

No dia 28 último partiram da Covilhã os campistas Fernando António de Almeida, que chefiava o grupo, Guilherme Castilho, os dois

alcançaram os 1.550, nas Penhas da Saúde, e no dia 30 acamparam nos Piorres, a 1.650 metros. Depois foi a escalada difícil para o Cântaro Raso. O vento, que custava a vencer, dificultava-lhes a marcha, mas, como tinham previsto, no dia 31 estavam na torre: 2 mil metros...

A caravana viu-se então privada da companhia de Manuel de Carvalho, impedido de continuar o Circuito por acidente. Mas os restantes continuaram a prova, depois de encaminharem o sinistrado para as Penhas da Saúde.

Foi então que a serra ficou envolvida em violenta tempestade de neve. Depois, o nevoeiro escondendo-lhes o caminho, separando-os quasi, sofrendo ainda um vento forte e desagradável. A prova disputou-se então com a temperatura negativa de 9,7 graus. O nevoeiro cerrado continuava a perseguir-lhes e por duas vezes pernoitaram em grutas; mas sempre animosos, e reconhecendo o bom resultado da sua iniciativa, proseguiram. Em todo o longo percurso do circuito só encontraram um ser humano; o guarda da Legião Comprida! A não ser isso — só a neve!...

No dia 7 o circuito terminou. Os quatro campistas alcançaram de novo as Penhas da Saúde, já quando ia em sua procura uma equipa de socorro. E' que nunca ninguém se atrevera a embrenhar-se na serra coberta de neve contando só com os seus recursos. Este permenor e a simpatia com que foram acolhidos deram margem à preocupação das entidades oficiais da Covilhã e dos seus habitantes. No entanto os campistas que em Lisboa haviam traçado cuidadosamente o seu plano de excursão tinham gasto só mais um dia do que previram para circudarem o maciço central da serra.

Trocámos algumas impressões com os campistas logo que chegaram a Lisboa.

Confessaram-se-nos encantados com a sua proeza e com a forma cativante como foram tratados pela Comissão de Turismo da Covilhã e Ski Clube de Portugal.

— O nosso circuito — disse-nos Fernando de Almeida — fornecem-nos indicações especiais, de ordem técnica, que têm de ser observadas pelos campistas que pretendam ir à serra. E há dois pormenores importantes: o saberem guiar-se no percurso e a escolha do material mais indicado para excursões desta natureza. A prova que efectuámos forneceu-nos, por experiência própria, elementos de estudo para o campismo na neve. E enquanto não tornamos públicas as vossas informações convém desde já dizer que o recio do frio e o modo de caminhar na serra cheia de neve não deve existir. E agrada-nos saber que o nosso exemplo está a ser seguido. A maravilhosa Serra da Estrela vai próximamente a Caravana Campista de Lisboa e possivelmente o Grupo Campista Estrela.

«O material que usámos no circuito sofreu modificações, ainda que ligeiras, contando com a diferença do campismo de verão para o da serra coberta de neve. Mas esta nossa experiência divulgá-la-emos, pois animou-nos nesta iniciativa um bom espírito de propaganda do campismo».

O elogio da neve e da beleza esplendorosa da Serra da Estrela lia-se nos olhos alegres destes cinco campistas!

Fernando Sá



componentes da Caravana Portuguesa de Campismo, Renato Varela, Manuel Carvalho e Fernando Pinto, estes da Caravana Campista «Novo Dia». Nessa jornada atingiram os 1.250 metros, acampando nas Portas dos Herminios. Na seguinte



1  
Os cinco audaciosos campistas começam a penosa viagem

2  
Entre a escarpa infinito e a neve...

3  
Um momento de repouso, abrigados da ventania

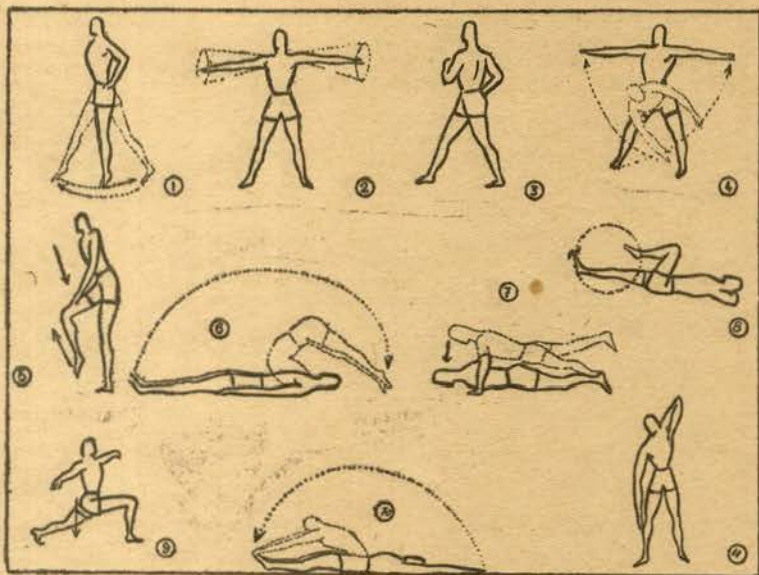
# Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física...

## III — ... Corredores de meio-fundo e fundo

**Aviso prévio:** Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA



1.º — De pé, sobre as pontas dos pés: saltitar baixo, com cruzamento antero-posterior dos pés.

**Progressão:** aumentar o afastamento dos pés ou aumentar a velocidade dos cruzamentos (Fig. 1).

2.º — De pé, pernas afastadas, braços em elevação lateral: pequenas circunvoluções, em ambos os sentidos. Evitar contrações (Fig. 2).

3.º — De pé, pernas afastadas, pés paralelos, braços em meia flexão (posição de corrida): lançamentos alternados dos cotovelos para trás e para a frente, mantendo o ângulo dos antebraços e a ligeireza dos ombros. (Fig. 3).

**Progressão:** acelerar.

4.º — De pé, pernas afastadas: grande flexão do tronco à frente, braços caídos em relaxamento; oscilações lançadas, simultâneas dos dois braços à esquerda e à direita, com torsão do tronco, roçando com as mãos pelo solo na passagem intermediária. Levantar ao fim de seis ou oito oscilações, saltitar dez vezes unindo e afastando lateralmente os pés e recomençar (Fig. 4).

5.º — De pé, pernas unidas, mãos apoiadas nas coxas, acima dos joelhos: elevação alternada das coxas, em cadência moderada, fazendo oposição com as mãos (Fig. 5).

**Progressão:** acelerar o movimento das pernas e aumentar a pressão antagonica.

6.º — Deitado dorsal, braços ao longo do corpo: elevação simultânea das pernas estendidas e do tronco, até tocar com os pés no solo acima da cabeça (Fig. 6).

7.º — Deitado facial, mãos em apoio no solo por debaixo dos ombros, com as pontas dos dedos ligeiramente para dentro: extensão dos braços, mantendo o tronco em prancha e lançando alternadamente para cima e para trás a perna esquerda ou direita em extensão completa (Fig. 7).

8.º — Pedalagem; deitado dorsal, mãos sob a nuca; pedalar, sem levantar a bacia do solo e mantendo as pernas a 45º com o solo (Fig. 8).

9.º — De pé, em a-fundo largo à frente: insistências, procurando aproximar a bacia do solo, sem flectir a perna da retaguarda. Executar o a-fundo sobre uma e depois sobre a outra perna (Fig. 9).

10.º — Deitado dorsal, pernas afastadas, braços estendidos acima da cabeça: grandes flexões do tronco à frente tocando alternadamente com as duas mãos no pé esquerdo ou direito (Fig. 10).

**Progressão:** afastar mais as pernas; insistências.

11.º — De pé, pernas afastadas: flexão lateral do tronco, lançada alternadamente para a esquerda e para a direita, deixando pendente o braço do lado da inclinação e levantando o outro braço com a mão à axila (Fig. 11).

12.º — Saltar à corda.

# DESPORTOS DE BOLA

## HANDBALL — O campeonato de Lisboa

Os jogos das séries eliminatórias do campeonato de Lisboa prosseguem com grande regularidade, mas de interesse reduzido, pela orgânica escolhida para a prova.

Faltam ainda sete jornadas para que termine esta fase selectiva do torneio e podemos já afirmar, com escassas probabilidades de erro, que os quatro grupos apurados para a competição final, aquela que satisfará a ansiedade de emoção dos amadores da modalidade, hão-de ser a «Cuf» e o Belenenses, o Sporting e o Estoril.

Aos restantes está reservado simples papel de figurantes, que também só na segunda fase se revestirá de alguma importância, quando se baterem para a conquista dos lugares na 1.ª Divisão.

No domingo passado defrontaram-se duas das melhores equipas, «Cuf» e Belenenses, vencendo a primeira por 3-1, prova de que se encontra disposta a defender com afinco o seu título de campeão regional.

A jornada deu, porém, duas outras notas inesperadas: a vitória do Atlético sobre o Internacional, por 2-0, e a incompreensível falta de comparência do Benfica, que apenas reuniu quatro jogadores, frente ao Boa Hora.

O percalço sofrido pelo clube do Campo Grande não é compatível com a sua categoria nem com as suas tradições; recordamos que assim começou também, outrora, a crise que afastou durante alguns anos o Benfica das práticas do «handball». Não queremos ser pessimistas, mas apelamos para o tradicional brio e dedicação clubista dos «encarnados», confiando em que saberão evitar piores consequências ao descuido de um dia.

A semana passada ficou ainda assinalada por um acontecimento que merece referência, pelo seu significado particular: referimo-nos ao jantar de camaradagem que reuniu na quinta-feira todos os jogadores de «handball» sportinguistas, em homenagem aos seus mais novos companheiros, os juniores campeões de Lisboa. A festa foi encantadora de simplicidade e provou mais uma vez a estreita amizade que une os handbolistas «leões».

Nenhum faltou, nem aqueles que residem fora de Lisboa, e a presença na mesa de honra de antigos jogadores, como o nosso estimado camarada dr. Salazar Carreira e o presidente da Associação de Lisboa, sr. Aníbal Marques, deu realce à festiva celebração, pondo em confraternização os pioneiros que criaram no clube a prática da modalidade e os seus esperançosos continuadores.

## RUGBY — A taça «Eduardo Serra»

No campo das Salésias defrontaram-se no domingo Belenenses e Atlético, numa luta que era de decisiva importância para a classificação no torneio em curso. Afinal, empatando a zero pontos, nenhum dos adversários conseguiu mais do que dar alento às esperanças dos benfiquistas, que ficaram ocupando posição privilegiada.

A partida foi bastante animada na segunda parte, tão animada quanto havia sido monótona e confusa durante os primeiros quarenta minutos. Para este ambiente agradável contribuiu principalmente a boa arbitragem de Pinto de Magalhães, que soube aplicar as regras como é raro, mesmo muito raro ver entre nós.

As deslocações, a grande praga do «rugby» português, foram devidamente punidas e os jogadores passaram assim a ter maior cautela. No entanto, em grande maioria, notam-se os mesmos defeitos de indecisão, de falta de compreensão do espírito das jogadas, de repetição sistemática da mesma jogada em todas as oportunidades de intervenção.

Dois exemplos: o que espera o jogador, na posse da bola, que pára a sua acção quando vê na frente um adversário que corre sobre ele?

# O Torneio dos Mestres de 1944

## Apontamentos e comentários

**D**ESNECESSARIO é focar de novo a importância da repercussão suscitada pela realização do Torneio dos Mestres, que se reflectirá, sem dúvida, no progresso geral do xadrez desportivo. O êxito obtido é tanto mais apreciado quanto é certo que foi extensivo a todas as facetas da modalidade, especialmente àquela que mais importa desenvolver. Referimo-nos ao nível técnico do nosso xadrez.

A qualidade do jogo produzido foi, na generalidade, nitidamente superior ao de qualquer outro ano. Praticou-se em elevada escala, e por quasi todos os concorrentes, o clássico jogo de posição, sendo os seus resultados muito animadores. O jogo aberto foi também bastante preferido, principalmente pelos xadrezistas portugueses, proporcionando algumas bonitas partidas, em que o ataque directo serviu de tema. Regular percentagem de partidas decidiram-se no final com resultados satisfatórios. A preparação «teórica» dos jogadores foi um pormenor que mereceu grande atenção nos meios especializados. A presença dos afamados teóricos dr. Mário Machado e Leonel Pias foi observada com justificado interesse, bem como os progressos, nesse campo do jovem português João Mário Ribeiro e de Francisco Lupi, campeão lisboeta.

O torneio foi renhidamente disputado. A luta dos estilos em presença foi digna de ver-se, pois as «forças» eram manifestamente equilibradas. A regular percentagem de empates e de vitórias duras atestam o nivelamento citado.

Está neste caso o sensacional triunfo de Francisco Lupi e do dr. Gabriel Ribeiro — vencedores «ex-aequo».

Eis a classificação final:

	V.	E.	D.	-	P.
1.º — Francisco Lupi.....	8	2	2	-	6
Dr. G. Ribeiro.....	4	4	1	-	6
3.º — João M. Ribeiro.....	4	2	3	-	5
Dr. M. Machado.....	3	4	2	-	3
2.º — Leonel Pias.....	4	1	4	-	4,5
6.º — João de Moura.....	3	2	4	-	4
Carlos Pires.....	3	2	4	-	4
Gabriel Russell.....	3	2	4	-	4
Dr. P. Braumann.....	4	-	5	-	4
10.º — Rui Nascimento.....	1	3	5	-	2,5

Francisco Lupi — a quem o sistema do desempate «Sounborn Berger» favorece — ganhou a taça oferecida pelo Mestre dr. António Maria

Pires, primitivamente instituído para o «match» extra-oficial A. M. Pires-F. Lupi, interrompido por doença do primeiro.

O excesso de provas em que participou na época finda obrigou Lupi a um esforço esgotante mas belo, só possível por um milagre de força de vontade. Tecnicamente, a sua actuação foi magnífica, ponderando todos os factores. Lupi poucas vezes recorreu ao seu velho estilo de ataque, preferindo o jogo posicional e tendo provavelmente em vista as responsabilidades da sua candidatura e o aperfeiçoamento das suas faculdades.

Gabriel Ribeiro, em excelente forma, progride de torneio para torneio. A solidez do seu jogo característico, firmado por concepção mais precisa e profunda, colocam-no com merecimento na vanguarda dos nossos campeões.

João Mário Ribeiro, dos mais jovens Mestres do Mundo, veio surpreender-nos com radical transformação do seu estilo, hoje essencialmente agressivo.

Na época passada o jogo do pequeno português caracterizava-se com a interessante nota de sóbria escola posicional. Nesta prova, porém, a tática adoptada foi puramente de ataque directo sem ou com primores técnicos, à semelhança do estilo do seu companheiro Leonel Pias.

Esta nova orientação básica parece coadunar-se com o temperamento dos dois jovens mestres portugueses, a avaliar pelo a vontade com que conduziram as partidas e pelos claros êxitos obtidos, alguns deles, mesmo, magníficos.

A posição ocupada na tabela da classificação pelo dr. Mário Machado pode considerar-se de relevo, atendendo à força homogênea do torneio. Incontestavelmente, o dr. Mário Machado mostrou possuir excepcionais recursos em to-

dos os capítulos da partida, sobretudo nas finais, onde a sua superioridade é flagrante.

Leonel Pires demonstrou esplêndidas qualidades, que, mais exploradas, vincarão a sua personalidade de jogador imaginativo de grandes recursos. É de crer que Pias evitou sempre que pôde o jogo posicional, dado que a indole da sua tática não se coaduna, por enquanto, com tal escola mesmo elementar. Não obstante, o seu valor não pode ser diminuído, pois no seu elemento — jogo aberto com probabilidades de combinação — é verdadeiramente temível.

Para o 6.º lugar empataram quatro jogadores — todos com 4 pontos.

João Moura jogou pela segunda vez desde o seu afastamento há 4 anos. O destreino foi evidente. Só nas últimas sessões conseguiu recuperar parte da sua antiga forma. A calma aparente das características do seu jogo desconcertou principalmente os dinâmicos xadrezistas do Norte, fazendo-lhes malograr todas as tentativas de ataque empreendidas.

Moura precisa mais contacto com o tabuleiro — e generalizar e aperfeiçoar os conhecimentos da teoria, pois as suas faculdades deixaram antever boas possibilidades.

Carlos Pires, actual detentor do ceptro nacional, pouco mais fez do que confirmar a baixa de forma, que todos lamentam. A conhecida sobriedade do seu jogo deu agora lugar a extrema passividade, a que a miude reagiu. Pires teve no «relógio de controle» mais um adversário a contar — e perigosíssimo, em face do incrível método de aproveitar o tempo regulamentar. Todas as suas partidas foram prejudicadas por falta de necessária ponderação nos últimos lances do «controle», por excesso de reflexão nas primeiras jogadas. É certo que Carlos Pires demonstrou sempre o mais puro brio desportivo — preferindo participar na luta, que adivinhava dura e grandiosa, a ficar de fóra.

A infelicidade perseguiu Peter Braumann no começo e no final da prova, comprometendo a sua posição. Em ambas as vezes o relógio foi factor decisivo. E facto que Braumann se afasta cada vez mais do seu primeiro estilo. Ao jogo de combinação, tanto do agrado do jovem matemático no começo da sua carreira, preferiu agora linhas mais sóbrias, dentro das boas normas da escola posicional. Esta transição, à semelhança do que aconteceu a Lupi na época passada, acarreta logicamente uma «crise», chamemos-lhe assim, cujos resultados finais são por ventura demorados. A insistência do treino metódico deve conseguir, em face das magníficas faculdades do Mestre, o bom êxito desta tentativa de aperfeiçoamento da classe.

Rui Nascimento não estava suficientemente preparado para uma prova desta natureza. Não obstante, o seu comportamento excedeu as mais optimistas esperanças. Os empates com os jogadores mais cotados do torneio são a prova cabal do seu real valor. O «ponto de honra» obteve-o na última sessão, numa memorável partida de 86 lances, que durou quasi dez horas (!), plena de precisão técnica, que honra ambos os contendores. Esta enorme partida, de grande responsabilidade, pois decidia a primeira classificação, foi considerada a melhor do torneio, pela mestria e elevada concepção de que deu provas o vencedor — por desconcertante e curiosa ironia, o último classificado. A classe evidenciada naquele soberbo final vale, só por si, a classificação de Mestre, por mérito!

De considerar o interesse que o xadrez está suscitando nas altas esferas do desporto nacional. As palavras do dr. Ayala Bôto, inspector da Direcção de Desportos, ao brindar pelos progressos do nosso xadrez, no final da sessão da última jornada, garantiu o apoio imprescindível do elevado organismo que representou.

VASCO C. SANTOS

### CAMPISMO

## As exposições de propaganda da MENSAGEM CAMPISTA

**E**STAMOS em pleno inverno; mas enquanto o tempo tristonho de chuva não apouca, os campistas têm aproveitado os dias de sol de que temos beneficiado. Dias frios, é certo, mas claros e alegres, deixando ver o cume das montanhas e todos os motivos de paisagem que a vista alcança.

O campismo — belo e saudável desporto — pode considerar-se como modalidade que encontrou da parte de muita da gente portuguesa a compreensão dos seus benefícios. Pode dizer-se que já vão longe os tempos em que a passagem de um grupo de campistas dava motivo a olhares irónicos. O campismo está lançado, sobretudo no meio da gente nova. A primeira experiência de gozar a vida ao ar livre agradou-lhes e hoje a sua prática prossegue,

aumentando dia a dia o número de adeptos que marcham para os campos ao encontro de uma vida nova.

E vê-os regressar, alegres e de pulmões cheios de ar puro, pateando o enorme prazer de um ou mais dias em contacto saudável e despreocupado com os encantos da natureza. No entanto, a campanha continua. É preciso que muitos mais compreendam o que é isto do campismo. É necessário que o campismo se divulgue melhor, se popularize. E neste aspecto, a «mensagem campista» tem desenvolvido intensa e louvável actividade.

Enquanto a primavera não chegar, essa campanha continúa com entusiasmo e boa orientação. Por agora, a propaganda está a ser levada a efeito nos clubes de desporto. Ideia acertada. Por meio de leves palestras, em que se contam episódios de acampamento e se divulgam as belezas da nossa terra, faz-se compreender o que é o ambiente simples e alegre dos campos, onde se encontra a verdadeira saúde e alegria de viver.

Efectuaram-se já duas exposições. No Atlético Clube de Almada e no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes».

As salas transformam-se, montam-se baracas de diversos tipos e todo o material necessário ao campista. Embeleza-se o conjunto com sugestivas fotografias e os galhardetes coloridos dos vários grupos campistas. A todos os jovens de Portugal, sejam estudantes ou operários, se têm dedicado estas exposições, que pretendem ser o incitamento para uma vida mais sã, para conseguir melhor e maior campismo em Portugal.

E qual é o intuito do jogador que, numa formação aberta, quando apanha a bola no solo ao alcance, lhe dá forte pontapé para diante, de encontro às pernas dos adversários e num sentido onde, com certeza, nenhum companheiro a pode aproveitar?

Foram excepcionais os ataques à mão, em que a linha de três-quartos foi bem lançada, porque a bola é quasi sempre mal transmitida, ao acaso em direcção e força, ou mal recebida por imperícia.

De modo geral, o grupo do Atlético deixou melhor impressão; melhor adestrados alguns dos seus elementos jovens, não nos admirará que a equipa conserve o seu título de campeão regional.

JOSE DE EÇA

*8.ª jornada do Nacional*  
*vista no Lumiar, Campo Grande,*  
*Setúbal e Coimbra*



A MARCA  
 QUE  
 VOU USAR  
 EM CHAPÉUS  
 E BONÉS

NO LUMIAR: 1—O 1.º «goal» do Sporting, marcado por Peyroteo; 2—Peyroteo foge... eternamente perseguido...; 3—A defesa estorilense intercepta um passe de Albano, antes que Peyroteo e Valongo possem intervir; 4—Na marcação de um «canto», Valongo repele a bola a sôco. EM COIMBRA: 5—Rafael vai marcar o 2.º «goal» dos azuis; 6—Um passe de Armando para Eloi que é cortado a tempo... EM SETÚBAL: 7—Machado em acção, por entre uma amálgama de companheiros e adversários; 8—Outra defesa do «keeper» vimaranense, sob a vigilância de Cardoso Pereira. NO CAMPO GRANDE: 9—Bandeira, lançado aos pés de Júlio, evita novo tento; 10—A jogada que antecedeu o 1.º «goal» da tarde: João falha a intercepção do «canto» e Júlio faz o ponto.



# II Divisão Nacional

O campeonato nacional da II Divisão prosseguiu no último domingo, com a efectivação dos encontros correspondentes à quinta jornada.

O programa desta «ronda» previa a disputa de quarenta desafios. Nada mais nada menos do que oitenta equipas, ou sejam 880 jogadores em acção. Tanto basta para revelar a influência desta prova na expansão e propagação do futebol.

Vejam o que deu a jornada de domingo. No Grupo A anotaram-se os seguintes resultados: Sporting de Fafe — S. C. Vianense, 1-0; Ramaldense — Boavista, 1-5; Sporting de Braga — Coimbrões, 7-0; Famalicão — C. D. Aves, 3-3; Leça — Vilanovense, 1-2; Sporting de Espinho — União de Lamas, 5-2; Avintes — Académico, 2-2; Ovarense — Leixões, 1-5.

Os mais surpreendentes destes resultados são, indubitavelmente, o empate do Famalicão e a derrota do Leça, no seu próprio campo. Uma e outra equipa, em confronto com os adversários merecia o favoritismo... que não conseguiram confirmar. As honras foram, portanto, para o C. D. Aves e Vilanovense. Outro clube da II Divisão da A. F. P. teve comportamento de salientar: o Avintes, impondo um empate ao Académico. Vê-se, portanto, que só dois clubes dos mais categorizados do Porto mantiveram os seus créditos: o Leixões e o Boavista. Naturais as vitórias dos Sportings de Fafe, de Braga e de Espinho — com números que não devem ter traduzido mal as suas actuais possibilidades, em relação com as dos adversários.

No Grupo B, os desafios forneceram os seguintes resultados:

Beira-Mar — União de Coimbra, 1-4; Académico de Vizeu — C. F. os Bodiosenses, 1-3; Tondela — S. L. e Vizeu, 3-2; Anadia — Sanjoanense, 0-3; Associação Naval 1.º de Maio — Conimbricense, 6-0; Marinhense — S. L. e Marinha, 5-0; C. U. F. de Lisboa — Alhandra, 14-1; Sporting de Tomar — Águia de Vilafrankense, 3-2.

Os dois encontros entre clubes da A. F. de Vizeu permitiu que se pense em nivelamento de valores, dado os seus resultados escassos. Duas das equipas de tradições na prova, o União de Coimbra e o Sanjoanense ambos jogando fora de casa, não experimentaram dificuldades de maior. A vitória da Naval sobre o Conimbricense só pode surpreender pela nitidez do «score»; o mesmo acontecendo em relação ao C. U. F. O empate de Tomar é mais honroso para os visitantes do que para os visitados.

## Campeonato de juniores da A. F. L.

O campeonato de juniores da A. F. L. prosseguiu no último domingo. Disputaram-se onze desafios correspondentes à segunda jornada de tão útil quanto interessante competição — todos aguardados com invulgar expectativa, pois se prestavam a confirmação ou rectificação de valores.

Na 1.ª série, nem um só dos oito concorrentes logrou ganhar os dois desafios; Atlético, Estoril e Oeiras, cada um com 3 pontos, são neste momento os «leaders»; na 2.ª, o Sporting segue à frente, com 6 pontos; na 3.ª série, o comando pertence ao Benfica (B) e ao G. D. da C. P. — ambos com 6 pontos.

\*

Se tomássemos como capazes de fornecer indicações seguras os resultados da primeira jornada, teríamos agora de considerar surpreendentes alguns desfechos da «ronda» de domingo.

De modo geral, os resultados da 1.ª série revelaram equilíbrio de valores. Dois empates e dois triunfos pela diferença mínima radicam a impressão de que a luta vai ser bastante cerrada e indécisa. A derrota dos «azuis» no seu campo fica, talvez, como o resultado menos esperado. O resto — tudo normal.

Na 2.ª série, surpreendem as derrotas do Casa Pia e do Benfica (A). Mas mais a dos «encarnados», pelas possibilidades por eles reveladas e por ter sido infligida pelo Arraioles, oito dias antes, bem batido pelos «azuis» espanhóis. Os «leões» entraram-se bem. Pertence-lhes o melhor resultado da jornada, sem que haja motivos para regozijo — tão fracas possibilidades denotam o seu adversário na «saída» anterior. O Palmense venceu bem.

Na 3.ª série, o Fosforos voltou a dar boa conta de si. É preciso contar com os maravilhosos... Os «encarnados» lograram segunda vitória, desta vez sobre os «azuis», tendo merecido o resultado.

D. D.

No Grupo C, treze desafios, com os seguintes resultados: Peniche — Alcabça, 1-3; Torreense — Atlético C. P., 0-2; Leões de Santarém — Operária de Vilafrankense, 3-1; Casa Pia A. C. — Ferroviários do Entrocamento, 0-1; Onze Unidos — Chelas, 3-2; Luso do Barreiro — Seixal, 1-1; Ginásio Clube do Sul — Olivais, 4-0; União Piedade — Fosforos, 1-3; Comércio e Indústria — Barreirense, 1-13; Aldegalense S. C. — Almada A. C., 2-1; Alcochetense — União de Coximbra, 0 5; C. U. F. do Barreiro — Amora F. C., 3-1; Operário — União Argentino 2-3.

Aparte o Barreirense, nenhum outro vencedor logrou marca «astronómica». O Atlético, por exemplo, não pôde firmar tão nitidamente, como nas últimas saídas, a sua superioridade. As derrotas do Operário Vilafrankense e do Casa Pia, sem terem constituído surpresas, devem, no entanto, ter contrariado prognósticos. Os dois clubes do Montijo, jogando em casa, ganharam os desafios. Em contrapartida os de Lisboa não deram boa conta de si.

Os desafios do Grupo D, tiveram os seguintes desfechos.

Albicastrense — Covilhenses, 1-0; Ceboleiro — S. L. e Covilhã, 0-3; Sporting da Covilhã — S. L. Castelo Branco, 3-1; Portalegrense — União Sport, 4-3; S. L. e Elvas — S. C. Estrela, 4-0; Juventude — Lusitano de Évora, 1-4; Portimonense — Lusitano de Vila Real, 2-2; Louletano — Farense, 0-1.

Pertenceu aos campeões da A. F. de Portalegre o mais expressivo resultado deste agrupamento. Os «encarnados» de Elvas vão bem lançados... De realçar a vitória do Portalegrense sobre os campeões da A. F. de Évora. Os «leões» da Covilhã apenas puderam alcançar um resultado modesto, o que não admira — visto o adversário ser considerado o mais difícil competidor.

ZÉ DO PEÃO

## O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da página 2)

É verdade que o Benfica também não apresentou o seu melhor, mas o desnível entre os dois grupos saltou à vista.

O Benfica impôs-se sem dificuldades de maior, e os «goals» sofridos representam apenas faltas de atenção da sua defesa.

O Salgueiros teve uns ligeiros assomos no princípio do segundo tempo, mas de uma maneira geral nunca ofereceu perigo forte.

O segundo classificado do campeonato portuense deve estar irremediavelmente condenado ao último posto da classificação geral, e não tem possibilidades para aspirar a melhor posição.

Os jogos de Setúbal e de Coimbra

Em Setúbal, no Campos dos Arcos, travou-se luta renhida entre duas equipas que se batem sempre com entusiasmo, pondo na luta o máximo empenho.

Os vimaranenses continuaram a dar boa conta de si. O facto de terem perdido o encontro nos últimos cinco minutos da partida não empana o seu trabalho.

É preciso ver que o grupo setubalense tinha necessidade de se reabilitar perante o seu público e que devia bater-se com todo o denodo para resgatar a má impressão deixada pela copiosa derrota que o Benfica lhe infligiu no domingo anterior.

O Vitória de Setúbal deve ter acasado no entanto as consequências das alterações introduzidas na constituição do «onze», visto que não alinhou com três elementos de grande valia: Rodrigues, Nunes e Armindo.

Este último costuma constituir segura parrelha defensiva com Montez, e a sua falta deve ter perturbado um pouco a organização da defesa setubalense.

Ao intervalo o grupo visitante ganhava por 2-1, e só passada meia-hora da segunda parte é que os setubalenses conseguiram chegar ao empate.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

## A publicação dos EMBLEMAS de todos os CLUBES

fielmente reproduzidos a cores

COMO dissémos no nosso último número, «Stadium» dará início, dentro de algum tempo, a nova publicação de separatas — nova iniciativa da nossa revista, esta com carácter verdadeiramente popular.

Trata-se de oferecer aos nossos leitores a colecção dos EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS DE TODO O PAIS, numa reprodução a cores, com todos os pormenores.

Já nos dirigimos a todos os clubes filiados nas associações de futebol do País, ilhas e províncias ultramarinas, solicitando a remessa, ATÉ 31 DE JANEIRO CORRENTE, de um desenho do emblema ou escudo da colectidade, no formato mínimo de 15x10 cm. desenhado com as respectivas cores, ou a preto, mas neste caso com a localização exacta daquelas cores. Deve também ser-nos indicada a data da fundação do clube.

Foi no largo de quasi todo o encontro o bom trabalho dos defesas de Guimarães — João e Carado — cujos nomes a crítica vem salientando de modo para jogo, pela autoridade posta na defesa da sua baliza.

O grupo de Guimarães só se desanhou no último quarto de hora da partida. A defesa sossobrou nessa altura e deu-se então o volte-face. Os setubalenses, conseguidos o empate, cresceram imenso, e os vimaranenses procuraram salvar o resultado batendo-se desesperradamente em frente da sua baliza.

O Belenenses tinha uma saída perigosa a Coimbra, mas como quasi sempre tem sucedido em anos anteriores, torneou vitoriosamente as dificuldades.

Foi o primeiro encontro deste campeonato em que os «azuis» não viram a sua baliza batida.

O Belenenses chegou ao intervalo a ganhar por 1-0, resultado honroso, porque durante o primeiro tempo os estudantes atacaram por vezes com perigo e mereciam ter aberto o seu activo.

No segundo tempo a superioridade do grupo visitante foi claríssima e justificada plenamente a merecida vitória alcançada.

Hoje constantes trocas de jogadores no linha da Académica e isso contribuiu para tornar mais precário o rendimento do conjunto.

Os médiós não souberam impor o jogo razo, e os avançados da Académica encontraram sempre dificuldades na disputa da bola por alto contra dois defesas como Vasco e Feliciano.

A linha da frente do Belenenses proporcionou à assistência alguns momentos de bom futebol, especialmente a aza direita, onde os habilidosos Eloi e Mário Coelho, puzeram à prova o seu grande domínio de bola.

# Campeonato de Lisboa

Comentários—Os casos de energia excessiva  
—O problema da falta dos árbitros marcados

**T**ERVE muita importância o factor técnico na partida que constituiu a surpresa da jornada: Carnide-Benfica. A vitória dos «carnidenses» não se pode imputar só à voluntariedade expendida pelos seus jogadores; os conhecimentos técnicos que possuem aliaram-se perfeitamente aos factores que puderam influir no «querer» que de todos se apouso nos quarenta minutos de jogo. E assim, sem se sentir diminuído, o Benfica sofreu a terceira derrota, que o afasta, de momento, do primeiro lugar da classificação. A falta de Trindade, castigado pela A. B. L., poderis ter influido no resultado verificado; mas nem isso se deverá apontar, pois Montalvão mostrou-se à altura do lugar que forçadamente ocupou. Talvez algumas deficiências na defesa tivessem facilitado a marcação dos campeões nacionais, mas o grande ascendente técnico demonstrado por estes torna aceitável o resultado.

Temos, assim, o Belenenses isolado e com 2 pontos de vantagem sobre o Benfica. Conseguirão os «azuis» manter esta vantagem? O jogo que disputou com o Sporting faz-nos aquilatar mal das suas actuais possibilidades, devido a nova exibição deficiente da sua equipa; a experiência que tentou na 2.ª parte, colocando todas as reservas a substituir os ti-

tulares, ia-lhe saindo cara—talvez uma reedição do encontro da 1.ª volta. A dificuldade dos jogos que lhe falta disputar obriga-lo-á a cuidar da sua equipa. Com os titulares que possui, o Belenenses tem o direito de exigir melhores exhibições.

Escusada era a energia excessiva, a razer por momentos pela violência, com que o Sporting procurou a luta. Foi ela, sem dúvida alguma, que lhe inutilizou a marcação de muitos pontos, pela atropalhagem que se apoderou dos seus jogadores ao lançar ao cesto; os «leões», equipa assás modesta para o seu renome, encontram-se votados a guardar na cauda a luta que vão travar com a C. U. F. e o Lisgás.

Estes formam um duo antagónico; enquanto o primeiro, em franco progresso, procura fu-

gir à última classificação, o segundo encontra-se em situação de declínio: sem dois dos titulares que mais falta lhe fazem—Vicente e Parada—e uma reserva com que é necessário contar—Filipe, o Lisgás vê-se relegado para posição tão desaperada devido aos excessos destes elementos. Que atentem nisto todos os que teimam trilhar o caminho da violência, pois os castigos incidem indirecta mas pesadamente sobre o clube que representam e que se vê a braços com crises provocadas pelos seus próprios elementos.

A partida Cuf-Atlético, que fechou a 12.ª jornada, foi esmaltada de peripécias de vária ordem—a começar por ter faltado o árbitro indicado e a terminar na discussão dos dois últimos pontos dos cufistas. Notável o bom trabalho destes e péssimo o ataque desarticulado do Atlético, no qual Neves e Ferreira «vogaram» sem um centro que os orientasse e dirigisse, desperdiçando energias que poderiam ter tido melhor compensação. A partida perdeu ainda brilho pela arbitragem, que provocou protestos constantes do público e enervamento dentro do terreno.

Dois pequenas observações: a primeira para o facto de não estar prevista a necessidade de uma urgente reparação no material, obrigando a demoras como a que se notou quando se desprende a rede de um dos cestos; a segunda, para a entidade responsável, pela constante falta dos árbitros que se verifica em muitas jornadas. Deve exigir-se destes o cumprimento das obrigações a que voluntariamente se obrigaram, lançando mão, se para tanto for necessário, de convenientes sanções disciplinares.

## HIPISMO

### O capitão Correia Barrento ganhou a "Taça Farinha Beirão"

Luta emocionante para a posse do 2.º lugar

**C**OMO nos demais anos, foi a taça «Farinha Beirão» a prova de encerramento da temporada hipica, factor importante, que lhe concede sempre justificado interesse.

Este trofeu tem curta história, visto que apenas é disputado há três anos. Oferecido pela Guarda Nacional Republicana e posto em disputa, pela primeira vez, em 1942, proporcionou um belo triunfo ao capitão Pascoal Rodrigues, montando o «Namir», um cavalo que nessa época estava em grande forma.

Como é cláusula do regulamento que a taça seja posta em jogo anualmente pelo Regimento que a ganhou no ano anterior, a G. N. R. organizou novo festival em 1943, no campo da Sociedade Hipica, tendo triunfado o capitão José Beltrão, no «Montes Claros», pelo que o trofeu ficou de posse do Regimento de Cavalaria 7.

A «Taça Farinha Beirão» acaba de sair, pela primeira vez, da capital, levada para o Depósito de Remonta pelo capitão Correia Barrento, que encerrou uma época brilhante com mais um magnífico triunfo, — não inesperado, se atendermos ao valor do esplêndido concursista internacional, mas que surpreendeu por ter sido obtido na égua «Benguela», um animal do 3.º handicap e que na época finda apenas triunfara no «Percurso de Caça» do Concurso Hipico do Porto.

Isto não quer dizer que a vitória alcançada tivesse deixado de ser justíssima e obtida com dois magníficos percursos limpos, muito rápidos e tirados com brilho.

A prova estava dividida, como de costume, em duas «mãos», sendo a primeira para todos os cavalos inscritos — com e sem handicap — e a segunda apenas para aqueles que tivessem conseguido percursos limpos na anterior. Foram onze os cavalos nestas condições, o que deu brilho à prova até final.

Para a posse do 2.º lugar terminaram sem faltas, e com igual tempo creditado, «Gaza» e «Jocosos», montados, respectivamente, pelo capitão José Carvalhosa e pelo tenente Barros e Cunha; houve assim a necessidade de recorrer a «barrage», em 3 obstáculos e de novo em duas «mãos».

A «Gaza», em grande tarde e muito bem conduzida, arrancou mais dois percursos sem faltas, colocando-se no 2.º posto da classificação, uma vez que o «Jocosos», que limpou na primeira «barrage», deu um toque na segunda. Pode dizer-se que a égua teve a sua primeira grande tarde, tirando quatro percursos limpos com alguns obstáculos a 1,50 m.

A seguir ao «Jocosos» entrou na classificação o «Raso», conduzido pelo capitão Correia Barrento, que «limpou» mas não bateu em tempo os três cavalos citados.

Pode dizer-se que a taça «Farinha Beirão», agora disputada, fechou com chave de ouro uma temporada hipica a todos os títulos brilhante.

ANTAS TEIXEIRA

## DA VIDA DESPORTIVA

### DUAS NOTAS POR SEMANA

#### NO ESTRANGEIRO

**E**M 15 de Dezembro do ano passado, a Delegação Nacional de Desportos de Espanha tomou em sua reunião algumas decisões de transcendente importância e que interessam no plano internacional, porque envolvem doutrina genérica do desporto, aplicável, em qualquer país com idêntica propriedade. O caso foi já referido pela imprensa portuguesa, mas apenas de leve e incompletamente.

Tendo em vista a necessidade de garantir que os desportistas sobre os quais recai o encargo de representação nacional sejam sempre os que reúnam melhores condições, e a sua escolha seja feita com severa justiça, isenta de qualquer classe de influências particulares, o Conselho da D. N. D. declarou incompatível o cargo de seleccionador nacional com o desempenho de quaisquer funções dirigentes ou técnicas em Federações ou clubes, de árbitro no desporto de que se trate, ou com o exercício do jornalismo desportivo.

Sempre que seja autorizado qualquer encontro de carácter internacional, mesmo entre regiões, cidades ou clubes, a federação responsável fica obrigada a apresentar à D. N. D., com a antecedência precisa, o plano de preparação e selecção que se propõe levar a cabo.

A concordância do método expresso, nesta segunda determinação, com os processos adoptados em Portugal—é flaverante; e quanto à doutrina das incompatibilidades traduzida pela primeira determinação, doa a quem doer, denemos reconhecer-lhe um fundo moral indiscutível e que só pode prestigiar a própria função.

#### EM PORTUGAL

**A** imprensa diária deu conhecimento ao publico de haver começado a preparação física especial dos jogadores seleccionados com vista ao encontro de futebol Portugal-Espanha, e prosseguido, também, a dos «handbolistas» que em fins de Fevereiro devem ir a Madrid oferecer a desjorra da já celebre partida do primeiro dia do Ano.

Por um comunicado proveniente da Direcção Geral dos Desportos foram simultaneamente lidas as Federações Nacionais informadas da obrigatoriedade desta preparação ginnástica sempre que houvesse em mira competição de carácter internacional, devendo considerar-se suspenso de actividade desportiva na jornada imediata todo aquele elemento convocado que faltar sem justificação à sessão de cultura física para que seja convocado.

Estas duas determinações, analisadas em conjunto, mostram o excelente critério que o organismo superior do nosso desporto está imprimindo aos assuntos referentes à representação internacional do País, acautelando-os ao máximo. Desporto é perder ou ganhar — desde que a consciência responda pela seriedade dos recursos empregados para conseguir o melhor rendimento.

Já no jogo de «handball» disputado em 1 de Janeiro se pôde colher excelente impressão relativamente à cuidadosa preparação física dos jogadores, que se exibiram destros, rápidos e resistentes. Foi este, sem dúvida, um dos factores decisivos no êxito da equipa.

A causa estava patente, mas não foi posta em foco com a clareza necessária para sobre a sua importância chamar convenientemente a opinião publica.

# APOLLON, o Rei da Fôrça, e a grade de ferro

Episódio curioso da vida de um hercules

O destino, por capricho ou segundo qualquer lei inexorável cujas causas se ignoram, compraz-se em crear periodicamente productos excepcionais. Cada século, época ou idade, consoante a importância e a raridade do super-homem dado à luz, produzem ora um sábio e um guerreiro, ora um apóstolo e um atleta, cuja personalidade se distancia, em valor, da de os homens mais qualificados do seu tempo.

As sociedades, desde remota origem, têm admirado e glorificado a fôrça física — e mais no passado que no presente, porque era então mais útil e necessária. Os povos primitivos também inventaram as religiões inspirados na natureza, segundo as suas manifestações exteriores mais impressionantes. Foi assim que a beleza plástica deu origem a Vénus e Apolo — e a fôrça muscular creou a imagem de Hercules e seus feitos.

Além disso, a antiguidade legou-nos a memória dos seus homens fortes, salientando-se, em primeiro lugar, Milon de Crotônia, um calabrês cujas proezas deixaram atônitos e assombrados os contemporâneos e se asseme-lhavam às obras lendárias dos deuses. Outro herói, de tamanho e trabalhos colossais, a quem os compatriotas ergueram uma estátua no monte Olímpia, chamou-se Polídans da Tessália. Mais tarde, o Império Romano comemoraria as façanhas do imperador Maximino, de origem sótica, um verdadeiro hercules, com dois metros e meio de estatura e capaz de partir a perna a um cavalo com um pontapé.

O século dezoito — passando assim rapidamente sobre um largo período sem fazer citações — viu nascer Tomaz Topham, produto magnifico de fortaleza física, podendo soerguer um péso de 900 k. com o pescoço e as espáduas. Um médico e físico notável de Londres, aluno de Newton, verificou pessoalmente os actos de fôrça do atleta londrino, alguns dos quais, não fosse a personalidade de tão honesto testemunho garanti-los, passariam hoje por imaginários e impossíveis.

O exemplar humano mais representativo da potência muscular durante o século dezanove foi, sem a menor dúvida ou hesitação, o marseilhês Luis Uni, conhecido universalmente pela alcunha de Apollon. A Natureza, por um capricho inexplicável do destino, conjunçou dois seres excepcionais — e dessa união matrimonial surgiu um homem cujas proezas poderiam ter emulado e sobrepassado as dos antigos se acaso a indolência de que era dotado não lhe refreasse as possibilidades.

Apollon tinha corpulência invulgar: um metro e noventa e cinco de altura e 120 quilos de péso. O seu pescoço media de circunferência 50 centímetros, menos um que o perimetro do braço, e a caixa torácica exigia um metro e quarenta de fita métrica até ser circunscrita.

Lisboa observou-o e admirou-o em duas ocasiões, pelo menos: em 1906, quando se efectuou na Capital o primeiro campeonato internacional de luta, entre profissionais, e que terminou pela vitória de Paulo Pons; em 1909, por ocasião de outro torneio de luta organizado no Coliseu dos Recreios e ganho pelo suíço Emílio Deriaz.

Alguns dos nossos leitores, os da velha guarda, devem recordar-se com saúde d'esses bons tempos — que os vão fazendo idosos... sem querer... Apollon surgia no estado, imponente e soberbamente nu, trazendo enrolada sobre o ventre uma pele de leão. As luzes do circo apagavam-se de súbito e dois focos luminosos incidiam sobre as espáduas, os braços e o tronco da estátua viva do enorme atleta. Os seus músculos, contraídos e distendidos a preceito, revelavam a pujança excepcional do proprietário, cuja cabeça ruiva e soberana se quadrava magnificamente com a restante plástica.

Apollon foi um homem que desconheceu o limite exacto da sua fôrça. O seu maior prazer era o de repousar beatificamente, durante horas, depois de

uma refeição suculenta e bem regada. Por isso, os seus amigos não conseguiram d'ele, senão por processos algo traçoelros, que executasse trabalhos de fôrça dignos da sua capacidade. Isso determinou que o poderoso atleta desenvolvesse, no espirito, um estado de permanente desconfiança mesmo em relação às pessoas da sua convivência e intimidade, contentando-se, nos giros que efectuava pela Europa, a mostrar a sua fôrça «brincando» com pésoes que nas mãos de outrem seriam quasi inamovíveis.

Foi preciso que o acaso colaborasse com os admiradores de Apollon e, sem prévio acôrdo, o obrigasse a pôr em jôgo toda a sua energia, muscular e psíquica, para se conhecer um pouco das suas possibilidades.

O caso passou-se em 1889. Apollon representava então um número extraordinário e muito bem imaginado para aumentar a impressão formidável que causava a sua musculatura de colosso. No palco mostrava-se o cenário de um castelo ou fortaleza, separado do público por uma grade de ferro.

Em dado momento surgia o atleta, representando a pessoa de certo prisioneiro evadido em busca da porta salvadora e, não topando com outra via de fuga, lançava mão de duas barras, afastava-as a poder de músculo e vinha, sob os aplausos da multidão estupefacta, executar os seus números de fôrça junto do proscênio. Como se vê, o «número» tinha algo de imprevisto e cativante como ante-acto, e quadrava-se bem com a personalidade do actor. Apollon e a sua grade haviam já alcançado em muitas localidades um merecido successo, pois nenhuma trapacice deslustrava a proeza quotidiana do gigante marseilhês, sendo necessário enviar todas as manhãs ao ferreiro mais próximo a referida grade, para endireitar os varões torcidos na noite antecedente.

O Teatro de Variedades, de Lille, contratou Apollon e fez em tórno do episódio do castelo uma publicidade considerável. Na primeira sessão, o exito foi enorme logo que a figura d'ele surgiu na semi-obscuridade, agarrando com os punhos possantes as barras de ferro e afastando-as depois de esforço tremendo, introduzindo a seguir, entre ambas, um ombro imenso, que culminava a operação vencendo a derradeira resistência do metal.

Ora, no dia immediato, depois de haver ficado exposta até ao meio-dia à curiosidade dos cidadãos mais cépticos, a grade foi levada a um digno ferreiro local para que lhe restituísse a forma primitiva.

Ignorando totalmente o fim a que se destinava e admirando-se também de que os varões pudessem ter sido alargados de tal modo, o bom homem, consciencioso e honesto, decidiu efectuar uma reparação cabal, que satisfizesse o freguês. Em lugar de a endireitar, apenas, por meio do fôgo, deu-lhe forte têmpera e, plenamente convencido de haver cumprido o seu dever, reenviou a grade ao destinatário, sem lhe dizer a maneira como se desempenhara do serviço.

Deste concurso imprevisto de circunstâncias havia de sair o maior acto de fôrça da vida de Apollon.

Quando veio o momento de executar o episódio do prisioneiro libertado — as notas de um piano vibrando em surdina entoavam os acordes de certo prelúdio célebre — os espectadores sustentaram a respiração, fazendo-se na sala profundo silêncio. Ouviam-se, então, gritos longínquos, tiros e imprecações, bruscamente substituídas pela figura gigantesca de um fugitivo ansioso. Era Apollon, que já deitava as mãos enormes aos varões e puxava com fôrça. Momento culminante, que o público seguiu com viva atenção e ansioso pelo desfêcho previsto... Mas a grade resistiu e não bulliu um centímetro. Cripado e surpreendido, o atleta encurva-se todo e redobrava de esforços infructíferos. Nos bastidores, presenciando a cena a menos de dois metros, permaneciam o conhecido alterofólio Desbonnet e a esposa de Apollon — uma «serigaita» enérgica e autoritária, que exercia sobre ele o mais despótico dos impérios. Madame Uni, supondo que o marido se encontrava dominado por um dos seus muito frequentes ataques de indolência, sibilou-lhe estas palavras, secas e cortantes como a fôlha de uma navalha:

— Então? Porque esperas? Não vêes que o público se impacienta? Vamos (e esta ordem era dada num tom que não admitia réplica...) puxa com mais fôrça...

Sob o efeito desta injunção imperativa o colosso teve um sobressalto de energia. Apellando para o enorme poder dos seus músculos, principiou uma luta titânica contra aquêle obstáculo inesperado. Uirros formidáveis e sacudidas, que punham em perigo o chão do palco e o cenário, atroavam o espaço — enquanto na sala o silêncio se tornara ainda mais absoluto. Toda a genie compreendia que se estava a desenrolar algo de inacreditável e imprevisto.

Desbonnet, esgazeado, não podendo crêr no que via, presenciava pela primeira e única vez o gigante em fúria e desencadeado, apellando para as suas reservas de energia.

Passaram-se minutos, que pareceram anos e, por fim, o homem conseguiu, pouco a pouco, numa lentidão enervante, afastar as duas barras, meter a enorme espádua através do espaço intermédio e, furioso, empenhar os dois punhos

(Continua na pagina 131)



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



RUGBY: 1—Fase do encontro disputado no domingo entre o Belenenses e o Atlético Hipismo: 2—O capitão Correia Barrento, na «Benguela», vencedor da taça «Farinha Beirão». CAMPISMO: 3—Aspecto da exposição efectuada há dias em «Os Combatentes». HANDBALL: 4—Fase do jogo Cuf-Belenenses, para o campeonato de Lisboa. XADREZ: 5—No «Porto de Honra» oferecido pela Federação aos concorrentes ao «Torneio dos Mestres». FESTAS ASSOCIATIVAS: 6—Os convivas ao jantar em que se reuniram os jogadores de handball do Sporting e no qual homenagearam os juniores do clube; 7—Aspecto do banquete de homenagem à equipa de futebol do Grupo Desportivo do Crédit Franco Português, que constituiu uma elegante festa em excelente camaradagem, sob a presidência do sr. Henri van der Vurst, director do Crédit, e com a presença de muitas senhoras e do sr. capitão Campos de Andrada, que representava a F. N. A. T., e do nosso camarada Avelar Machado, em nome do «Diário de Lisboa» e da Stádium



**Chaves** de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**

de

**Amadeu Gomes da Fonseca**

R. de Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 28050

## UMA VERDADE para ponderar

A modalidade do «balão ao cesto», não está, entre nós, a viver ambiente agradável. E isto acontece — o que é mais grave — não por falta de prodigiosa actividade da Associação Regional respectiva, mas por inércia e desinteresse da maioria dos clubes, alguns dos quais com responsabilidades no meio. Pode até dizer-se que à excepção do Vasco da Gama — maravilhosas escolas de jogadores de «basket» —, nenhuma outra colectividade tem procurado dar ao desporto em causa a colaboração persistente e para que a sua existência possa tornar-se progressiva.

Com tudo isto, porém, não queremos dizer que a modalidade esteja já a atravessar verdadeiro «crise», mas pelo aspecto que tomam os acontecimentos presentes ela aparecerá mais depressa do que se pensa... É que uma região como a nossa não pode ter uma modalidade — sobretudo como a do «basket» — silenciação no trabalho de um só clube. Necessário se torna que os restantes trabalhem de igual modo, tornando assim o estímulo e a competição. De resto os dirigentes da Associação Regional, dedicados e competentes, merecem que todos os clubes correspondam ao seu esforço.

Do «poder» da vontade, pode apontar-se o magnífico exemplo do Vasco da Gama, onde Alves Teixeira continua a sua admirável obra pelo «basket» nacional. Chamaram já a essa florescente agremiação «fábrica de campeões» — e com toda a propriedade. No Vasco da Gama aparecem de época para época novos jogadores — todos de extraordinária habilidade e de escola defendida. Dos juniores às primeiras categorias, os «vascoanos» marcam posição de rélevo.

Ora tal panorama só se consegue com muito trabalho e entusiasmo, qualidades que Alves Teixeira reúne a ródos para bem do «basket» portuense.

Que estas verdades sirvam de exemplo e de incentivo aos restantes clubes, pois só com a boa actividade de «todos» a modalidade poderá regressar a situação mais animadora.

pecialidade. Comandou repetidas vezes o pelotão da frente e mostrou-se à vontade no terreno. Estaremos na presença de um famoso corredor de «corta-mato» — ou a sua corrida foi de acaso? O futuro o dirá.

Coutinho Monteiro, há pouco chegado dos Açores e portento sem preparação capaz, esteve longe do que normalmente pode fazer. Parece-nos, contudo, que a sua especialidade não é a do «corta-mato».

Elísio Silva entusiasma-se demasiado na primeira parte da prova e já não leve «pernas» para a embaagem. Com mais prática, este rapaz pode figurar entre os nossos melhores especialistas. Fisicamente bem dotado, com uma linda passada, Elísio Silva mostrou possuir estôjo.

Carlos Miranda pode classificar-se como a autentica revelação da prova. Trata-se de um jovem que pela primeira vez aparece no atletismo.

(Continúa na pag. seguinte)

# Stadium na Capital do Norte

## A prova de CORTA-MATO organizada pela nossa revista

alcançou incontestável êxito e decorreu em ambiente de exuberante entusiasmo

Comentários de EDUARDO SOARES

res terrenos que o Pôrto possui para a especialidade: o das Cavadas. Assim, foi possível traçar um percurso totalmente visível ao público, que em número elevado assistiu, entusiasmado, ao desenrolar da luta. Magníficos obstáculos naturais e acessíveis desniveis de terreno deram à prova, por sua vez, o ambiente próprio do «corta-mato». E se a ludo isto juntarmos a lealdade com que todos os concorrentes se exibiram e da perfeita organização técnica, razões há de sobra para, sem jactâncias, classificarmos a prova como excelente manifestação desportiva.

Todos os atletas, por outro lado, se apresentaram razoavelmente preparados para a distância — e a prova ficou as duas únicas desistências que se deram, provocadas por negligências, como adiante direi

mos, e não por qualquer deficiência física. Prova isto que os nossos clubes já não olham as suas representações de ânimo leve, mas antes lhe proporcionam a indispensável preparação, para que o desporto seja um «bem» e não um «mal»... É-nos muito agradável escrever esta verdade!

Ficou também demonstrado, portanto, que o ressurgimento do nosso «corta-mato» não fica só cimentado na boa-vontade dos dirigentes da A. P. A. e dos clubes, mas também, e em especial, nas qualidades e no entusiasmo da gente nova que está a recheiar o atletismo e a dar-lhe a alegria inconfundível e saborosa da mocidade. Essa alegria, só por si, é capaz de todos os milagres!

E que observamos, olhando a lista da classificação geral? Que até ao 10.º lugar estão apenas autênticos «estranhos» na especialidade — e que só depois deles aparece um consagrado, para quem o «corta-mato» não tem segredos: Albino Rodrigues da Silva. Este facto dispensa outros comentários.

Verificámos com agrado que os atletas, na sua maioria, têm já razoáveis noções técnicas e táticas. Contudo, há pormenores que vale a pena focar aqui, pois não foram cuidadosamente tratados. Um — o dos agasalhos: vimos atletas antes e depois da prova sem o mais simples resguardo do frio implacável que fazia nessa manhã. Outro — o do calçado, este mais grave, pois provocou as duas únicas desistências e lá causando uma terceira — facto que não se deu devido ao forte frio do jovem Carlos Miranda.

É preciso que o corredor de «corta-mato» cuide com a máxima atenção do calçado, sujeito às mais duras contingências no terreno irregular em que tem de actuar.

Aos novos — como eram — a lição deve ter sido proveitosa...

Não nos admira a vitória de António Bernardo da Silva, embora não soubessemos ainda como ele se adaptaria ao «corta-mato». Com dois anos de prática em pista, onde sempre revelou «fundo» e qualidades, Bernardo da Silva apresentava-se com natural favoritismo desde que os 2.500 metros a percorrer fossem em plano. Como reagiria perante os obstáculos e em terreno irregular? Residia aqui o incognito do problema — que ele resolveu a seu favor sempre nos lugares secundários do pelotão da frente, para, a 300 metros da meta, já com melhor piso, abalar de maneira admirável. Ganhou bem e confirmou tudo quanto temos dito dele. Um atleta, em síntese, que merece cuidadosa orientação.

Artur Fernandes, «estranho» em pista na época passada, apresentou-se em magnífica forma e mostrou óptimas disposições para a es-

EXIGIR mais seria pedir o impossível... Na verdade, em todos os pormenores, até mesmo nos mais insignificantes, a primeira organização do Stadium em 1945 — de uma série que vamos levar a efeito em favor do desporto portuense — correspondeu em absoluto à expectativa e atingiu largamente o único objectivo que se ambicionava: o da propagação da salutar modalidade do «corta-mato», que há duas épocas estava lançada entre nós na maior apatia. Não foi em vão, pois, que nos propuzemos a iniciativas desta natureza — e o êxito da primeira veio trazer-nos ânimo maior para continuar no caminho traçado.

Se outras virtudes não tivesse tido a nossa organização, esta bastava: a de demonstrar com eloquência que o atletismo de inverno só permanecia no Pôrto em inactividade por falta de quem quizesse dar-lhe os indispensáveis «meios de vida» — organizando e orientando. Clubes e atletas aguardavam apenas a chamada... E coube à nossa revista fazer-lhe — em boa hora, porque à volta da nossa organização juntaram-se todos os amigos do atletismo, desde o ânimo até ao mais categorizado dirigente. E com tal entusiasmo se apresentaram que é possível afirmar-se agora o ressurgimento do «corta-mato» portuense, um ressurgimento tão visível como foi o do atletismo puro — ambos sob as campanhas práticas e teóricas do Stadium.

A prova dispulou-se nos melho-

## O I Portugal-Espanha em Handball deve realizar-se na capital do Norte

Possibilidades de um jogo entre o Pôrto e uma região de Espanha — O campeonato de «juniores» — A propagação da modalidade

A Internacionalização do «handball» lisboeta despertou o interesse dos meios ligados à modalidade no Pôrto, afim de se procurar a realização de um jogo entre a capital do Norte e uma região de Espanha, Guipuzcoa ou Catalunha.

Embora nada tenha transpirado dos bastidores do «handball», temos a opinião — muito pessoal — que o resultado do encontro a efectuar em Madrid, em 25 de Fevereiro, entre as selecções das duas capitais, deve ter influência decisiva, não só para o «match» Portugal-Espanha, como também para qualquer outro entre selecções inter-regionais espanholas e portuguesas.

Entretanto, uma coisa está definitivamente assente: a efectuar-se o Portugal-Espanha, ele terá a sua efectivação no Pôrto, por ser esta cidade aquela que dispõe de público mais dedicado ao «handball».

Está a Associação de Handball do Pôrto a trabalhar afincadamente na preparação do campeonato regional de «juniores». Para isso deve ter já dado as suas indicações aos clubes no sentido de estes prepararem as equipas para esse torneio. Julgamos até que existe a disposição de se realizar ainda esta época o 1.º campeonato nacional da categoria, a disputar entre os apurados do Pôrto e de Lisboa.

Só sentimos prazer com este facto, pois temos dedicado parte do nosso esforço na propagação desse torneio, pelos largos benefícios que dele poderão advir para a modalidade.

Preparados desde jovens, os praticantes deverão atingir grau de per-

feição tal que os habilite a poderem ocupar, no futuro, lugares de primeiro plano nos conjuntos de «handball» dos clubes, a viverem actualmente quasi sem «reservas» frescos.

Assim, as «reservas» teriam título adequado, passando a ser constituídas por elementos com direito a ascender aos melhores postos das categorias principais, e não como no momento presente que por decisão de forma, ou qualquer outra razão, tiveram de baixar de turma.

O Pôrto-Lisboa deve efectuar-se este ano, talvez depois do Madrid-Lisboa. Há grande interesse por este jogo inter-cidades, pois a capital parece estar disposta a dar luta enérgica ao agrupado portuense, aureolada como está pelo triunfo sobre a turma madrilena. Este embate de forças entre os dois únicos centros da modalidade no País proporcionará o ensejo de se verificar quais os progressos realizados nas duas cidades.

Sómente lamentamos que a propagação do «handball» não tenha produzido o ingresso decisivo na sua prática de outras regiões, como Coimbra, Braga, Aveiro, Algarve, etc., que são centros desportivos importantes.

O papel da imprensa pode ser de extraordinário valor neste sentido. Desde o futebol, quasi todas as outras modalidades devem o que são hoje. Por isso, num apêlo muito sincero, como antigo propagandista do «handball», solicitamos dos nos, sos camaradas no jornalismo desportivo maior interesse pela causa deste belo e completo desporto — que o merece, incontestavelmente.

**A prova de «Corta-Mato»**

(Continuação da página anterior)

lismo, fez a boa parte do percurso com um sapelo, mas teve ânimo para suportar a contrariedade e chegar à meta em 5.º lugar. A sua facilidade de movimentos impressionou-nos bem. Tem futuro e dá grandes esperanças. O mesmo diremos de Leonel Silva — outro «estrelante».

Porfírio Santos, António Lopes, Armando Leitão e José Oliveira tiveram actuações que prometem. Mas outros mais — jovens como estes — devem dar que falar nas próximas provas.

A equipa do Salgueiros ganhou com brilhantismo — e até com naturalidade. Numa prova em que era necessário classificar em boas condições dez atletas, levava a vantagem de poder dispôr de alguns «consegurados» para completar a acção dos jovens. E por isso mesmo é que se diz que venceu a equipa mais completa — que o era de facto. Um triunfo justíssimo, pois. Aqui ficam as nossas felicitações aos dirigentes do popular Salgueiros. Que continuem a trabalhar, são os nossos votos. O seu clube pode fazer muito pelo atletismo português.

O F. C. do Pôrto e o Académico classificaram-se em harmonia com os seus valores, mas ambos demonstraram largo trabalho na preparação de novos praticantes. E isto é o que mais interessa no futuro da modalidade.

Em suma: o «corta-mato» português teve na prova do «Stadium» o marco do seu ressurgimento. Ainda bem!

**Notas da semana**

**19 grupos num torneio**

A prova extraordinária que a Associação de Futebol do Pôrto iniciou no passado domingo reúne 19 grupos, representando outros tantos clubes filiados naquele organismo. Como se anunciou, estarão presentes as reservas dos clubes da 1.ª divisão, e as categorias de honra dos agrupamentos de 2.ª e 3.ª divisões. Todas estas equipas estão divididas em três séries.

O acaso quis que ficassem reunidas no mesmo conjunto o Ermezinde e o Sporting da Cruz, que deram origem a si supremacias: o primeiro, como campeão da 3.ª divisão, o segundo como último classificado da 2.ª. Os jogos de passagem ainda se não fizeram.

Entretanto os grupos irão «treinando» para os jogos de responsabilidade...

**Um campo para o Progresso**

Seguem para bom termo as negociações entabuladas pela direcção do Sport Progresso, no sentido de conseguir imediatamente terrenos para um campo de jogos, uma vez que leve de entregar o seu «Amal».

O Progresso merece que termine a «malapata» em que anda há anos envolvido e que o arredou da 1.ª para a 3.ª divisão, depois de um compasso de espera na segunda, à qual regressou na época finda, por vitória sobre o Velarderes.

É um grupo com tradições, cujo passado constitui ainda larga fonte de recordações.

**O Ermezinde é campeão da 3.ª divisão**

Com um empate e uma derrota — esta obteve no último jogo do campeonato regional, com o Tirsense, no campo deste — num total de 12 jogos, excelente proeza para um clube que se apresentava, pela primeira vez, no torneio, o Ermezinde arrancou o título de campeão da

**Academia Nacional de Rádio**

**APRENDA RÁDIO**

por correspondência — Peça folhetos grátis à Academia Nacional de Rádio

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PÔRTO



As organizações da nossa revista em favor do desporto português

**NO TORNEIO DE «VOLLEYBALL» disputa-se a taça «Dr. SALAZAR CARREIRA»**

CONTINUAM os preparativos para a nossa segunda organização em favor do desporto português. Caberá agora a vez ao salutar desporto do «Volley», que entre nós está ainda longe de atingir o incremento que merece.

A avaliar pelos pedidos de filiação que têm sido recebidos no organismo regional, e ainda pelos informes que constantemente nos são solicitados, o Torneio de «Volleyball» da Stadium vai reunir número elevado de concorrentes. Isto quer dizer que a modalidade terá uma fase de admirável propagação — que lhe proporcionamos com o mais desinteressado agrado.

O facto de se disputar uma taça com o nome de «Salazar Carreira», é outro forte atractivo, pois todos os clubes ambicionam apoderar-se do trofeu que instituímos em homenagem a um ilustre desportista — a quem o «Volley» nacional muito deve.

As inscrições — gratuitas — são aceites até ao dia 25 na Associação de «Volley», a funcionar presentemente na sede da Associação de Basketball, rua de Sempão Bruno.

Esperamos poder anunciar hoje os locais onde os diversos jogos serão disputados, mas a conveniência de cuidar atentamente de certos pormenores impede-nos de o fazer. Contudo, é já quasi certa a utilização do ginásio do Sport Club do Pôrto.

No nosso próximo número amplharemos estas informações.

**GARTÕES DE LIVRE TRANSIO**

DA Associação Portuguesa de Atletismo recebámos dois cartões de «livre-transito» para a época de 1945, que acompanhavam um certame cíclico de agradecimento pela acção da Stadium na propagação da modalidade. Nada têm que agradecer os dedicados dirigentes da A. P. A. Podem conter sempre conosco e com a nossa colaboração, que prestamos com o melhor prazer dentro do programa que traçámos.

**CALENDARIOS**

Agência Moralte, desta cidade, ofereceu-nos alguns exemplares do calendario-brinde que está distribuído e o que apresenta uma novidade neste género de propagação: além do calendario do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão, insere também o do campeonato regional de «handball».

Gratos pela gentileza.

3.ª divisão regional. Depende agora dos jogos de passagem com o Cruz a sua entrada na 2.ª divisão, que muito beneficiaria da presença do nável campeão.

**Um caso «nebuloso» no «handball»**

O assunto Viana, do Salgueiros, está destinado a dar ainda muito que ponderar. A Associação de Handball do Pôrto, que está elaborando um inquérito sobre o caso (a inscrição do jogador em duas associações), já ouviu novamente o elemento em causa e deve ter elaborado o relatório final, a apresentar à Direcção Geral de Desportos, para resolução definitiva.

**Os treinos para o Pôrto-Galiza**

Continuam os treinos da selecção portuguesa de «basketball» que deve jogar contra a Galiza no dia 31 de Janeiro. A linha definitiva deve ficar assente por estes dias, sendo de prever que terá por base o Vesco da Game, com reforços do F. C. do Pôrto, Académico e outros.

Os seleccionados em futebol treinam no dia 25 com o Progresso.

**FLECHA é a melhor bicicleta**

**Durante a posse dos novos corpos gerentes da Associação de Tênis de Mesa de Lisboa**

foram feitas elogiosas referências à acção na nossa revista

A falta de espaço não consentiu, no nosso último número, a merecida referência à cerimonia da posse dos novos corpos gerentes da Associação de Tênis de Mesa de Lisboa, na qual foram feitas à nossa revista referências elogiosas, que muito nos honram. Efectivamente, o sr. António Jorge Leitão, presidente da mesa da Assembléa geral, ao focar o papel da imprensa fez-lo em termos justos e com desusada distincção para a Stadium, sublinhando com o lourosa plavras de aplauso a directriz imposta à nossa acção em prol do desporto.

Por fim, foi resolvido enviar à nossa revista o seguinte telegrama:

*Os novos corpos gerentes da Associação de Tênis de Mesa de Lisboa no tomarem posse saudam V. e sua Revista agradecendo todas atenções que a modalidade lhes deve fazendo votos que tenham novo ano muito prospero.*

Agradecemos por todas as atenções dispensadas à Stadium, continuamos com o prazer de sempre ao dispor da Associação de Tênis de Mesa, garantindo-lhe toda a colaboração possível.

**Proezas sensacionais**

**APOLLON, o Rei da Fôrça, e a grade de ferro**

(Continuação da página 12)

repelindo diante de si os varões, até que todo o corpo conseguiu apertar no prescúrio, escorrendo suor, respirando a custo, apavorado e sem poder proseguir na execução do programa previsto.

Entretanto, o público, movido como que por uma mola, aplaudia-o de pé, vibradamente. E como da costume, os auxiliares trouxeram os pesos e os alteres para junto dele, pediu à assistência desculpa de não poder executar o seu programa costumeado — encontrava-se indisposto naquela...

Ao recolher à bastidores, cabalístico e furioso, o atleta que atribuir aos seus inimigos despitados a causa do parcial fracasso. Só no dia seguinte, tendo a referida grade voltado ao mesmo ferreiro, o caso se esclareceu por completo, quando o honesto operário explicou a sua ideia sobre o conserto e expôs a sua admiração ao ver, novamente, a grade torcida — como se não houvesse sido cuidadosamente reparada antes!

Era aço e não ferro o metal que os punhos de Luiz Uni, Apollon, haviam dobrado naquela noite memorável de 1889!

RAFAEL BARRADAS.

**STADIUM e os clubes**

**Grupo Desportivo Académico**

A comissão organizadora do Grupo Desportivo Académico, formado unicamente por estudantes de Lisboa, enviou-nos saudações, que agradecemos.

**Assine a STADIUM**

**Sr. desportista!!**

O uso do tabaco é um vicio dos mais prejudiciais. Os seus terríveis efeitos opõem-se ao revigoramento do fisico e torna-os inaptos e incapazes para as praticas e competições desportivas. Combata-o efisicamente com o

**Elixir anti-fumante**

Frasco 5\$00      Pelo correio 7\$00

À venda: em Lisboa, SIR, rua dos Faquelros, 262, 2.ª dt.ª; no Pôrto, Azeredo & Morgado, Limitada, rua Mouzinho da Silveira, 52.

Ano III — Lisboa, 17 de Janeiro de 1945 — II Série — N.º 111

**STADIUM**

REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor: DR. GUIHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
TELEFONE 5 111 — LISBOA  
Execução gráfica de NEGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# A SEVERISSIMA derrota do OLHANENSE



Abraão defende a sóco



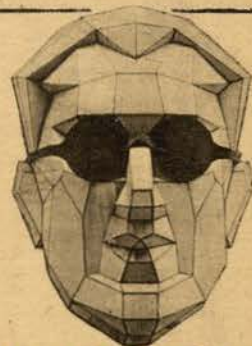
Correia Dias, bem vigiado, consegue rematar — para as mãos de Abraão



Correia Dias marca o 2.º goal do F. C. Porto



Abraão capta a bola em mergulho antes que Catolino possa rematar



**POUPE A SUA VISTA!**

Use só lentes de 1.ª qualidade

**Binóculos, Barômetros,  
Bússulas de marcha, etc.**

Casa especializada — Fundada em 1865

**GIL OCULISTA**

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua da Prata, 140